

A CIDADE DA MEMÓRIA: RECORDAÇÕES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES EM CRÔNICAS PUBLICADAS NO JORNAL *MONITOR CAMPISTA*

Williane de Sá Marques¹

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima²

Sergio Arruda³

Carlos Henrique Medeiros de Souza⁴

RESUMO: Este artigo fundamenta-se nas concepções de que a cidade é um centro de significados íntimos (TUAN, 1989), de que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e de que a crônica é como o testemunho de uma vida, um documento de uma época (ARRIGUCCI JR., 1987). Essas premissas norteiam a questão-problema desta pesquisa: como a memória de um lugar se manifesta em textos cronísticos? Assim, objetiva-se identificar os aspectos memorialísticos presentes nas crônicas que tratam da cidade de Campos dos Goytacazes publicadas no último ano de circulação do centenário jornal *Monitor Campista* (2009). Foram selecionados três textos desse gênero veiculados nesse período e, por meio de análise interpretativa dessas crônicas, fundamentada nos conceitos elencados a partir de pesquisa bibliográfica, reconhece-se a manifestação da memória individual e coletiva que permeia esse lugar que é físico, mas, sobretudo, simbólico.

Palavras-chave: Crônicas. Memória. *Monitor Campista*.

THE CITY OF MEMORY: RECORDS FROM CAMPOS DOS GOYTACAZES IN CHRONICLES PUBLISHED IN THE *MONITOR CAMPISTA* NEWSPAPER

ABSTRACT: This article is based on the conceptions that the city is a center of intimate meanings (TUAN, 1989), that each individual memory is a point of view on collective memory (HALBWACHS, 2006) and that the chronicle is like the testimony of a life, a document of an epoch (ARRIGUCCI JR., 1987). Therefore, these premises guide the problem-question of this research: how does the memory of a place manifest itself in chronicle texts? Thus, the objective is to identify the memorialistic aspects present in the chronicles that deal with the city of Campos dos Goytacazes published in the last year of circulation of the centenary newspaper *Monitor Campista* (2009). Three texts of this genre published during this period were selected and, through the interpretative analysis of these chronicles, based on the concepts listed from bibliographical research, the manifestation of

¹Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. E-mail: ullimarques@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9241-7940>

²Pesquisadora Colaboradora do PPGCL/UENF. E-mail: jacapili.jl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0153-8948>.

³Professor associado I da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. E-mail: arruda.sergio@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1956-6242>

⁴Coordenador da Pós-Graduação (Mestrado & Doutorado) Interdisciplinar em Cognição e Linguagem (PGCL/UENF). E-mail: chmsouza@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3774-0323>

V. 13 – 2022.1 –MARQUES, Williane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

individual and collective memory that permeates this place, which is physical, is recognized, but, above all, symbolic.

Keywords: Chronicles. Memory. *Monitor Campista*.

Considerações iniciais

Neste artigo, não entendemos a cidade como um espaço de contornos físicos, geográficos e arquitetônicos, mero cenário de fatos cotidianos ou perímetro circunscrito por motivações políticas. Aqui, a cidade é compreendida como um lugar permeado de significados que se mostram a partir da percepção íntima daqueles que nela vivem e constroem suas memórias.

Campos dos Goytacazes, cidade situada na região Norte do Estado do Rio de Janeiro, não é interpretada, neste trabalho, como um território constituído de zona rural e urbana, destinado à morada e que se desenvolve cultural e economicamente por meio de atividades mercantis, industriais etc. Campos é, em nossa concepção, o local em que se fixam as reminiscências do passado vivido por todos e por cada um que nela se abrigam. A cidade, neste artigo, não é aglomeração de indivíduos, movimento incessante e concentração conflituosa, não é limite preciso, dimensão política, simples terreno público. A cidade é um lugar íntimo (TUAN, 1989) e antropológico (AUGÉ, 2005) constituído das memórias individual e coletiva de seus habitantes.

Nessa perspectiva, este artigo⁵ propõe-se a evidenciar a percepção memorialística da cidade de Campos dos Goytacazes apresentada pelos cronistas que publicavam no jornal *Monitor Campista* em 2009, último ano de circulação desse periódico que, à época, era o terceiro mais antigo do Brasil em circulação. Considera-se que a crônica é um gênero jornalístico-literário que se pauta em acontecimentos cotidianos com possíveis floreios ficcionais e que tem como traço característico elementos citadinos e subjetivos. Escolhemos, então, três desses textos publicados naquele ano e, por meio da leitura interpretativa desse material, destacaremos os aspectos que revelam a relação intrínseca que há entre a cidade, a memória e a crônica.

⁵Baseia-se em um fragmento da dissertação de mestrado em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, intitulada *A cidade visível: análise discursiva dos relatos de Campos dos Goytacazes escritos pelos cronistas do jornal Monitor Campista em seu último ano de circulação (2008-2009)*”, de autoria de Williane de Sá Marques (2021).

V. 13 – 2022.1 –MARQUES, Wiliane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

Metodologicamente, propomos um estudo qualitativo de viés bibliográfico, documental e interpretativo. Além disso, para melhor fundamentar as nossas ideias, buscamos a contribuição teórica de autores como Marc Augé (2012), Yu-Fu Tuan (1989), Michel Pollak (1992), Pierre Nora (1993), Maurice Halbwachs (2006), David Arrigucci Jr. (1992), Antonio Candido (1992) etc. Afora as considerações iniciais e finais, este artigo está dividido em três seções, a saber: (i) A cidade e a memória; (ii) A crônica; e (iii) A memória da cidade nas crônicas do *Monitor Campista*.

Faz-se pertinente esclarecer que, por se tratar de um fragmento de um trabalho maior, este artigo não pretende esgotar as possibilidades de análise dos textos selecionados, mas apontar caminhos e contribuir para futuras pesquisas que, bem como esta, tenham como *corpus* a cidade de Campos e o vasto material procedente do jornal *Monitor Campista*.

A cidade e a memória

Se do ponto de vista prático a cidade é uma área geográfica, espaço de habitação e de atividades econômicas e culturais, o que seria, então, esse local sob o prisma simbólico e subjetivo? Para o etnólogo e antropólogo Marc Augé (2012 [1992]), a cidade consiste no que ele chama de “lugar antropológico”, espaço que adquire sentido a partir do momento em que é investida de sentido por aqueles que o habitam e porque “cada novo percurso, cada reiteração ritual conforta-os e confirma a sua necessidade” (AUGÉ, 2012, p. 51).

Já para Tuan (1983), a cidade é um “centro de significados”, uma vez que é por meio das experiências íntimas, ainda que simples, que, nós, seres humanos, reconhecemos o seu valor. Ele afirma, por exemplo, que a cidade natal é um “lugar íntimo”, porque, por meio das experiências que foram, ali, vividas, ela evoca imagens intimamente ricas, representa um reservatório de lembranças e sonhos, marca “as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato” e porque pode ficar gravada “no mais profundo da memória” (TUAN, 1983, p. 156).

A fim de compreender essa relação memorialística que os sujeitos estabelecem com a cidade em que vivem, importa compreender o conceito de memória. Para isso, buscamos, neste artigo, as colocações de Michael Pollak (1992), que elaborou o que chama de “elementos constitutivos da memória individual ou coletiva”. Em primeiro lugar, ele pontua

V. 13 – 2022.1 –MARQUES, Wiliane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

os acontecimentos vividos pessoalmente; e em seguida, os acontecimentos vividos pelo grupo a qual a pessoa se sente pertencer.

Para desenvolver essa concepção, Pollak (1992, p. 202) destaca que a memória é constituída por pessoas — personagens que pertenceram ou não ao espaço-tempo daquele indivíduo, mas que, direta ou indiretamente, tornaram-se conhecidas — e também por lugares, esses particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser pessoal ou inscrita em sua vida pública, isto é, “lugares de apoio da memória”.

Essa expressão também é empregada pelo historiador Pierre Nora (1993). Segundo este, “lugares de memória” podem ser imateriais ou materiais, às vezes até funcionais, em que a imaginação das pessoas os investe de uma aura simbólica e sua razão fundamental “é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais” (NORA, 1993, p. 22).

Tais funções não são atribuídas por Nora (1993) a uma cidade em sua abrangência espacial, mas aos monumentos e às festividades e celebrações culturais que ali se engendram. No entanto, para o historiador, esses lugares de memória “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...] porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p.13).

A tese de Nora (1993, p. 9) é de que, diante da mundialização e da massificação, a memória tornou-se uma faculdade ilusória, inexistente. O que restou é história, ou seja, uma “reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. A cidade de Campos, por exemplo, é habitada por um grupo plural que convive em um mesmo espaço e que reivindica seus lugares de memória para, assim, compor uma história que satisfaz o que o historiador francês chama de “necessidade de memória”.

Essa “obsessão pelo arquivo”, digamos assim, advém, de acordo com Nora (1993), sobretudo do sentimento de que pode haver um desaparecimento rápido e definitivo do passado (e também do presente) devido à celeridade e as incertezas que marcam o contemporâneo. A consequência, para Nora (1993), é um gosto pelo cotidiano no passado como um meio de restituir lembranças, de igualarmos a história que reconstruímos à história que vivemos.

Ainda em relação aos lugares, Nora (1993) propõe uma oposição entre “lugares dominantes”, imponentes, geralmente impostos por uma autoridade, demarcado por cerimônias ditas “oficiais”; e os “lugares dominados”, esses que servem de refúgio, “santuário das fidelidades espontâneas”, “coração vivo da memória”; e ambos estão articulados, organizados inconscientemente pela “memória coletiva”.

A principal referência quando se fala sobre “memória coletiva” é Maurice Halbwachs (2006 [1950]), sociólogo francês que dedicou suas pesquisas à questão da consciência social. Ele foi, inclusive, citado por Pollak (1992) e por Nora (1993), mas, ao contrário desses, o sociólogo não distingue as memórias pessoais daquelas as que o grupo compartilha: as memórias, para Halbwachs (2006), são intrinsecamente coletivas. Halbwachs (2006, *passim*) declara que jamais estamos sós e, por isso, “nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais têm sua origem em meios e circunstâncias sociais” e “não há lembranças que reaparecem sem que seja possível relacioná-las a um grupo”. Ampliando esses sentidos, Halbwachs (2006, p. 64) declara que “somos apenas um eco”. Nossas convicções, sentimentos, gostos e lembranças seriam dosados pelos acasos que nos puseram em contato com os grupos que nos atravessaram. Portanto, nossos modos de ver, fazer e sentir seriam determinados pelas influências que eles exerceram sobre nós, ainda que despercebidamente. Para Halbwachs (2006, p. 86), nossa memória não se apoia na história apreendida, mas na história vivida: “os quadros coletivos da memória não conduzem a datas, a nomes, a fórmulas — eles representam correntes de pensamento e de experiência em que reencontramos nosso passado apenas porque ele foi atravessado por tudo isso”. Em suma, o que existem são muitas memórias coletivas, correntes de pensamento contínuos que só retém do passado o que ainda está vivo (HALBWACHS, 2006).

Em relação aos lugares, o que nos interessa por ora, Halbwachs (2006) afirma que o mundo exterior, e aqui podemos considerar a cidade, é parte inseparável do nosso eu e que o nosso ambiente material (casas, igrejas, prédios e monumentos) traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Isso significa que os espaços/os lugares e os objetos que os integram “recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas” (HALBWACHS, 2006, p. 158) — bem como Nora (1993) elaborou por meio do conceito de “lugares de memória” —, mas, aqui, o sociólogo pontua as influências: para ele, o grupo é sujeito à influência do ambiente e participa de seu equilíbrio:

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (HALBWACHS, 2006, p. 159-160).

É como dizer que a Campos do campista é diferente da Campos dos que vêm “de fora”. Somente quem vive/viveu nesta cidade consegue compreender seus meandros significativos, decifrar seus signos, ler suas ruas nas entrelinhas e, assim, escrevê-la. Mesmo que cada indivíduo que compõe esse grande grupo intitulado “campistas” leia e enuncie a cidade a partir de variantes (econômicas, políticas, sociais, culturais) que são estabelecidas em grupos menores (entre os moradores de determinado bairro, distrito ou localidade ou entre pertencentes a determinada “classe social”, por exemplo), é inegável que haja um reconhecimento balizado por meio de representações mais generalizadas ou mais “estáveis”, como colocou Halbwachs (2006).

A fisionomia da cidade, sua fixidez arquitetônica, contribui para essa estabilidade porque, como já mencionamos anteriormente por meio das colocações de Nora (1993), a memória coletiva se apoia nessas imagens materiais:

Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele (HALBWACHS, 2006, p. 163).

Em suma, Halbwachs (2006) declara que é o fato de estarem próximos no espaço que cria entre os membros do grupo as relações sociais. E as lembranças permanecem em seus pensamentos porque eles permanecem inscritos naquele solo: “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (HALBWACHS, 2006, p. 170) porque é nele que se conserva o passado que é atualizado por meio dos percursos presentes. Nele, a lembrança se fixa e se formula:

[...] os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é fixando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atividade à sua

disposição que o pensamento coletivo do grupo [...] tem maior oportunidade de se imobilizar e durar. Esta é realmente a condição da memória. [...] **Sensações, reflexões e quaisquer fatos, devem ser postos num local onde já residi ou pelo qual passei nesse momento e continua existindo.** [...] é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente — [...] somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes (HALBWACHS, 2006, p. 187-189, grifos nossos).

Tal incumbência dada aos objetos é análoga ao que Pollak (1992, p. 206) chamou de “enquadramento da memória”, trabalho realizado pelos historiadores e também por organizações políticas, religiosas etc., aquelas “que levam os grupos a solidificarem o social” visando a formação de uma história e de uma identidade no sentido de pertencimento. Esse enquadramento, conforme Pollak (1992) é feito por meio de rearrumação da memória do grupo a fim de unificar e promover a manutenção dessa unidade. Supõe-se, neste trabalho, que essa função também é exercida pela imprensa e pela literatura. Há uma forte indicação dessa tendência em Candau (2011, p. 25) que, ao definir a memória e a identidade como representações, afirma que as entidades jornalística e literária, quando imbuídas de discursos voltados para a valorização de patrimônios, fazem-nos por meio de “enunciados evocando a ‘memória coletiva’ de uma aldeia ou cidade, de uma região [...], enunciados que geralmente acompanham a valorização de uma identidade local”.

Não por acaso Tuan (1983, p. 180), em uma visão um tanto mais entusiasmada, coloca que uma das funções da arte literária é, justamente, “dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”, chamando a atenção “para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas”. Ele coloca a arte e a arquitetura no mesmo quadro de tentativas de “dar forma sensível aos estados de espírito, sentimentos e ritmos da vida diária” (TUAN, 1983, p. 184).

Vê-se em Candau (2011) e Tuan (1983) a intenção de colocar a literatura e, no caso do primeiro, também a imprensa como legitimadoras de memórias. É, inclusive, a palavra “legitimidade” de que se vale Nora (1993) quando trata da conservação da memória. Também para ele, a literatura nasce e deve seu prestígio à relação que estabelece com o passado. “O interesse pelos lugares onde se ancora, se condensa e se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva ressalta dessa sensibilidade. [...] Memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura” (NORA, 1993, p. 28).

Definidas essas posições, entende-se, neste trabalho, que há um elo entre o lugar/a cidade, as memórias que dele retiram sua substância material e imaterial e as crônicas. Isto é, textos híbridos entre o jornalismo e a literatura, narrativas que, muitas vezes, propõem-se à tarefa de enunciar esse ambiente físico e simbólico que é o lugar íntimo, antropológico, praticado, vivido, percorrido e experienciado: a cidade de morada, que defini por meio da contribuição dos estudiosos acima citados. É justamente a essas narrativas da cidade que são dedicadas as próximas páginas deste artigo.

A crônica

A relação entre a crônica, a memória e a cidade se estabelece desde a criação desse gênero literário. Segundo o crítico Davi Arrigucci Jr. (1987, p. 52), a crônica teria surgido como um registro histórico, “precursora da historiografia moderna”, atendendo à necessidade da sociedade de concatenar significativamente o passado, constituindo, assim, “o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a História no texto”.

O sociólogo e crítico literário Antonio Candido (1992, p. 15) acrescenta que a crônica se manifestou primeiramente nos jornais como “folhetim”, isto é, como “um artigo de rodapé sobre as questões do dia — políticas, sociais, artísticas, literárias” que, com o decorrer do tempo, foi ganhando “certo ar de quem está escrevendo à toa” e, ao perder a “intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo)”, afastou-se da lógica argumentativa e da crítica política para “penetrar poesia adentro”.

Ao se situarem na fronteira entre os flagrantes urbanos e os floreios da ficção, a crônica, como conhecemos hoje, é marcada por aspectos memorialísticos, factuais e citadinos, e isso já ocorria desde o século XIX e início do século XX, com os escritos de Joaquim Manoel de Macedo — pioneiro na inserção da literatura nos jornais brasileiros entre as décadas de 1860 e 1880) e responsável por ampliar e mudar o perfil do público leitor da época — e, mais tarde, do jornalista Paulo Barreto, conhecido pelo pseudônimo João do Rio, que circulava pelos espaços sociais da cidade do Rio — seja nas comunidades dos morros, seja nos lugares refinados — em busca de pautas que, por meio de seu olhar sensível, ganhavam roupagem literária (SÁ, 1997). Contudo, a consolidação do gênero se deu mais tarde, na

V. 13 – 2022.1 –MARQUES, Wiliane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

década de 1930, por meio da prosa de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga (CANDIDO, 1992) etc.

Dado esse quadro, a crônica se mostra, portanto, como um gênero híbrido, que transita entre o jornalismo e a literatura e que, apesar de se valer da “ordem do dia” — característica que se mostra já em sua etimologia⁶ —, desinteressa-se pelo extraordinário; tem como substância o cotidiano, a sensibilidade que aflora nos percursos diários. Faz da cidade sua protagonista, das ruas seu cenário e é do sentimento de intimidade com esse espaço que retira seus temas mais pertinentes.

Em síntese, para Arrigucci Jr. (1987, p. 51), a crônica é um texto breve, despretensioso, acessível, próximo à conversa do dia a dia, “um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido”. Candido (1992) define-a em termos semelhantes:

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas [...] a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão (CANDIDO, 1992, *passim*).

É justamente devido a essas características⁷ que entendemos, aqui, a crônica como uma escritura da memória⁸ que se apoia nos lugares (no caso, na cidade), interpreta-os, organiza-os e atualiza-os e, assim, cria uma representação simbólica desse espaço imbuída de “valor literário”⁹, ainda que figurada nas páginas de um jornal.

⁶ Como bem destacou Davi Arrigucci Jr (1987, p. 51), o termo “crônica” procede do grego *chronos* que significa “tempo”. Em uma perspectiva histórica, Massaud Moisés (1978, p. 132) também afirma que as primeiras manifestações da crônica ocorreram no início da era cristã, quando designava “uma lista ou relação de acontecimentos, arrumados conforme a sequência linear do tempo”.

⁷ O professor Massaud Moisés (1987, 9, 119) também elencou o que chama de requisitos essenciais da crônica: “ambiguidade, brevidade, subjetividade, diálogo, estilo entre oral e literário, temas do cotidiano, ausência de transcendente, eis os requisitos essenciais da crônica, a que falta adicionar tão sobre um outro, [...] a efemeridade”.

⁸ Arrigucci Jr. (1987, p. 51) também qualifica a crônica como uma “forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada”.

⁹ O crítico Arrigucci Jr. (1987, p. 53) destaca que a crônica adquire a “espessura de texto literário” pela “elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história”; assim, diferentemente das notícias que compartilham com ela as páginas do jornal, mas que rapidamente tornam-se passado e perdem sua relevância, a crônica “parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e

A memória da cidade nas crônicas do *Monitor Campista*

Esses encaminhamentos teóricos foram postos para que se fosse possível interpretar algumas crônicas publicadas no jornal *Monitor Campista* à luz do que chamamos aqui de “memória da cidade”. No último ano de circulação desse periódico (entre novembro de 2008 e novembro de 2009) que, à época, era o terceiro mais antigo do país¹⁰, mais de dez cronistas escreviam para esse jornal textos de temáticas diversas. Para este artigo, devido a sua brevidade, foram selecionadas apenas três que tratam da memória da cidade de Campos; a saber:

Tabela 01 – Crônicas publicadas no *Monitor Campista* que tratam da memória da cidade

Data de publicação	Título	Cronista
07/05/2009	Visita predileta	Celso Cordeiro Filho
01/07/2009	Visitei o passado	Patrícia Bueno
18 e 19/10/2009	Mergulhando nas lembranças	Walnize Carvalho

Fonte: Elaboração própria.

Os três cronistas que escreveram os textos selecionados são os jornalistas Celso Cordeiro Filho e Patrícia Bueno, e a escritora Walnize Carvalho. Eles assinavam um espaço semanal no caderno cultural do jornal. Nessas referidas crônicas, eles enunciaram memórias relacionadas à cidade de Campos, conforme critério pontuado anteriormente. Optou-se por escolher esses três textos porque cada um deles apresenta uma perspectiva diferente em relação aos tópicos apontados neste artigo.

O primeiro texto, de autoria de Celso Cordeiro Filho, retrata um lugar bastante frequentado pelos moradores de Campos: o Mercado Municipal. Na crônica, o jornalista narra a rotina de visitar esse espaço pela manhã e evoca memórias que foram construídas ali.

esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica”.

¹⁰ O jornal *Monitor Campista* foi fundado em 4 de janeiro 1834, na cidade de Campos dos Goytacazes. No início, intitulava-se *O Campista*. Depois, em 1946, houve uma fusão entre este e outro jornal que circulava no município, *O Monitor*. O veículo de imprensa fechou no ano em que completou 175 anos de existência, após acompanhar duas viradas de século. Em 2009, pertencia ao grupo Diários Associados, que já foi o maior conglomerado de mídia da história da imprensa no Brasil, e circulava em 15 municípios de três regiões do Estado do Rio de Janeiro. Hoje, o acervo desse periódico encontra-se preservado no Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, em Campos. Essas informações foram obtidas na edição especial de aniversário do jornal, publicada no dia 4 de janeiro de 2009.

Texto 01 – Crônica “Visita predileta”, de autoria de Celso Cordeiro Filho

Morando atualmente em Niterói, quando vou a Campos entre as minhas predileções está uma visita ao Mercado Municipal. Gosto de antes do dia raiar ter contato com o cheiro das frutas, das verduras; de assistir o ir e vir dos feirantes atendendo a todos com fidalguia e proclamando a excelência de suas mercadorias. É uma rotina que cumprem prazerosamente, mostrando que se pode fazer a mesma coisa todos os dias com satisfação. De quatro às

Visita predileta

Celso Cordeiro Filho

| D | S | T | O | Q | S | S |



seis manhã colocam as maçãs, laranjas, batatas, tomates e pimentões assimetricamente nos tabuleiros. De longe é um quadro de rara beleza. Não importa que daqui a pouco serão entregues a nós, consumidores, mas é necessário que se ordenem

plasticamente.

Viver no Mercado e do Mercado requer antes de tudo muita sensibilidade. A alegria é contagiante. “E aí freguês, o que vai hoje?” Esta saudação-convite quebra, de saída, o formalismo comum às relações de com-

pra e venda. O importante não é o “toma lá (dinheiro), toma cá (mercadoria)”, mas saber, por exemplo, como vai a família, se a gripe já foi vencida. É um exercício permanente de afetividade. Os fregueses deixam de ser meros compradores para

se estabelecer uma relação mais íntima com os feirantes. Existem aqueles que só compram em determinada barraca, outros preferem ver os preços. Há os tipos mais variados possíveis.

Mas, o importante é frequentar o Mercado. Já pensaram, caríssimos leitores, passar pela vida e não ter comido o pastel de queijo de Dona Odete? Não ter tomado um café no Pedro? Não ter comprado a banana da barraca de “Seu” Antonio? Seria, convenhamos, um pecado mortal. Lá você encon-

trará o legítimo artesanato feito nesta região, além do contato com figuras lendárias. Nunca é demais ressaltar: as manhãs no Mercado Municipal evocam infância, especialmente daqueles que foram criados na roça, como é caso do cronista. Enfim, como resistir a uma rosquinha de batata, um biju, um engano, tendo a acompanhá-los a legítima groselha? Impossível. ■

Jornalista
ccordeiro@mcampista.com.br

Fonte: *Monitor Campista*, 7 de maio de 2009.

A relação da crônica com a cidade é evidente: trata-se de um texto que descreve um icônico local de Campos dos Goytacazes. O mesmo vale para a memória. O cronista inicia o texto com a informação de que não reside mais nessa cidade, o que autoriza a compreensão de que essa narração foi feita a partir da recordação: “quando vou a Campos entre minhas predileções está uma visita ao Mercado Municipal”.

Contudo, apesar de ser visível o fato de que esse texto foi escrito fundamentado em memórias, o uso de verbos no presente do indicativo (“Gosto de antes do raiar do dia ter contato com o cheiro das frutas”; “É uma rotina que cumprem prazerosamente” etc.) comprova o que disse Nora (1993, p. 8) sobre a memória ser “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”.

A respeito da memória coletiva, outros trechos dessa crônica também a evidenciam: “Os fregueses deixam de ser meros compradores para se estabelecer uma relação mais íntima com os feirantes”; “Existem aqueles que só compram em determinada barraca, outros preferem ver os preços”; “Já pensaram, caríssimos leitores, passar pela vida e não ter comido o pastel de queijo de Dona Odete?”. Percebe-se que, nesses três excertos, o cronista fala de si na 3ª pessoa do singular: ele, pessoalmente, é um frequentador do mercado, mas opta por generalizar seu discurso, de modo a afirmar que seu sentimento é compartilhado. Como colocou Halbwachs (2006, p. 158), os espaços/os lugares e os objetos que os integram “recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas”. Isso fica ainda mais nítido no último fragmento selecionado, quando ele faz uma pergunta retórica ao seu leitor que, supõe-se, também é morador de Campos e já frequentou o Mercado Municipal.

V. 13 – 2022.1 – MARQUES, Wiliane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

Por último, a memória é declarada no parágrafo final dessa crônica: “as manhãs no Mercado Municipal evocam infância, especialmente daqueles que foram criados na roça, como é o caso do cronista”. Aqui, ele deixa claro o vínculo entre a crônica, a memória e a cidade e, como já mencionado, coloca-se como parte de um coletivo ao se inserir no grupo de pessoas que foram criadas na roça e que, por isso, familiarizam com o lugar em questão.

A segunda crônica selecionada para análise foi escrita por Patrícia Bueno. No texto, a jornalista relata as sensações que teve ao fazer uma pesquisa em antigas edições do *Monitor Campista*, o mesmo jornal em que sua crônica foi publicada.

Texto 02 – Crônica “Visitei o passado”, de autoria de Patrícia Bueno

Campos, 29 de julho de 1876. Do alto da ponte, um barão, atormentado pela decadência financeira, lança-se à morte atirando-se nas águas profundas do Rio Paraíba. A carta-suicida do Barão da Lagoa Dourada clama, a todo momento, pela misericórdia divina, como uma tentativa de merecer o paraíso depois de tanto tormento.

A agonia de seus últimos momentos de vida está registrada em uma das antigas edições que o *Monitor Campista* guarda em seu arquivo. Estive alguns dias a desvendar seus segredos. Conduzida pelo fascínio daquelas pá-

Visitei o passado

Patrícia Bueno

|D|S|T|O|Q|S|S|



ginas envelhecidas, assim como o Barão eu mergulhei, mas não ao encontro da morte, e sim da história viva que se movimenta diante de nossos olhos a cada edição folheada.

Nessa visita ao passado, peguei carona nos bondinhos que circulavam pelas ruas de Campos. Entrei nas lojas de

senhoras, onde se podia adquirir tecidos finos, luvas e sombrinhas de último tipo. Visitei os românticos cafés do Centro, admirei a partida das pranchas sobre as águas douradas do Velho Paraíba e a chegada do vapor no Canal Campos-Macaé.

No arquivo, testemunhei a euforia dos dias que antecede-

ram a inauguração da luz elétrica na cidade e as visitas do Imperador. Indignei-me com a crueldade da escravidão, lendo os anúncios de escravos fugidos. Senti alegria ao imaginar as apresentações das líras e ao acompanhar a programação do efervescente Theatro São Salvador. Senti também uma

tristeza profunda ao saber da morte de tantas pessoas, vítimas de doenças como cólera, gripe e peste bubônica.

Na viagem, os anúncios são um atalho interessante. Vão de tónicos capilares, cigarros, rapé e máscara para bailes à fantasia, a tinta preta em garrafa e até caixões. Isso sem falar nas histórias curiosas como o futebol no cemitério, os cavalheiros campistas reclamando a morte do único chapeleiro da cidade, o corpo de uma mulher encontrado dentro de um caixão, no Rio Paraíba...

A pesquisa terminou, mas não o entusiasmo. Meu pen-

samento foi longe demais para voltar assim, de repente. Retornarei com frequência ao arquivo, espaço modesto que guarda tesouros. Acho importante não perdermos o interesse por nossas raízes, enquanto nossos casarões vão ao chão, dando lugar a frios edifícios e estacionamentos. A história que repousa silenciosa sobre as prateleiras é a mesma que se apresenta vibrante, toda vez que alguém se interessa por ela. ■

Jornalista

pbueno@mcampista.com.br

Fonte: *Monitor Campista*, 1 de julho de 2009.

Diferentemente da crônica anterior, nesta, Patrícia evoca memórias de um passado distante, não vivido por ela, mas também situado na cidade de Campos. Ela referencia fatos — como o suicídio do Barão da Lagoa Dourada no rio Paraíba do Sul, a inauguração da energia elétrica, as visitas do Imperador etc. — e locais, como os cafés do Centro, o Canal Campos-Macaé e o Theatro São Salvador.

O que a cronista faz, portanto, é traçar um paralelo entre a memória, que neste caso é evidentemente coletiva, e a história, o que já foi posto na primeira seção deste artigo por Pierre Nora (1993) ao declarar que, muitas vezes, o que se tem não é uma rememoração, mas uma "obsessão pelo arquivo". Ao se deparar com textos que contam a história de Campos em um passado longínquo, a jornalista demarca o papel desses documentos na preservação, não da memória, mas da história, uma vez que “o que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar” (NORA, 1993, p. 15).

V. 13 – 2022.1 – MARQUES, Wiliane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

No entanto, ainda assim, a cronista se coloca no texto como integrante daquele passado, como se, de alguma forma, fosse possuidora particular dessas memórias. Isso é visto logo no título, “Visitei o passado”, mas também em outros trechos, como: “Peguei carona nos bondinhos que circulavam pelas ruas de Campos”; “Senti alegria ao imaginar as apresentações das liras”; “Senti também uma tristeza profunda ao saber da morte de tantas pessoas” etc.

Esses fragmentos retomam Halbwachs (2006, p. 187) quando afirma que “os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é fixando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atividade à sua disposição que o pensamento coletivo do grupo [...] tem maior oportunidade de se imobilizar e durar”. Isto é, embora a cronista não tenha, de fato, tido essas experiências, quando se depara com relatos do passado que ocorreram em lugares os quais percorre no presente, sente como se estivesse evocando uma memória que é essencialmente coletiva.

Por fim, o terceiro texto elencado para análise neste artigo foi escrito pela cronista Walnize Carvalho e intitula-se “Mergulhando nas lembranças”. Percebe-se que o elo entre a crônica e a memória está posto desde o título que remete a um episódio de rememoração dessa escritora:

Texto 03 – Crônica “Mergulhando nas lembranças”, de autoria de Walnize Carvalho

Mergulhando nas lembranças

Walnize Carvalho



Verão de infância distante.

A cena aparece límpida perante meus olhos: eu, primos e irmãs (após café da manhã) trocávamos rapidamente os trajes de dormir pelos de banho de mar. E nem consultávamos o tempo! O importante era não perder tempo... Embora ficássemos de guarda até que um adulto chegasse (ou melhor, apontasse na esquina) para que – enfileirados – tal atletas em competição, corréssemos para nados e mergulhos. E não havia disputa e nem espera de medalhas... Éramos, tão somente, crianças felizes e despreocupadas curtindo férias na Praia do Farol de São Thomé.

Com chuva ou com sol (de preferência por dias ensolarados, para que os adultos – os tomadores de conta – ficassem menos extenuados) lá estávamos nós, no nosso “compromisso” diário.

E ficava difícil – mães e tias – conterem a fúria (não do mar bravo), mas de nosso impulsivo destemor naquelas horas de

“Éramos, tão somente, crianças felizes e despreocupadas curtindo férias na Praia do Farol de São Thomé.”

genuína felicidade.

Sob as barracas, (em cadeiras ou esteirinhas) os adultos admiravam o balé quase que sincronizado da criançada. Os meninos davam braçadas, “pegavam jacaré” com os braços esticados (ainda não existiam pranchas), deslizavam em meio às ondas indo até à beira mar, o que fazia com que muitas vezes “atropelassem” os que por ali estavam. Já as meninas se esmeravam em mergulhos e mais mergulhos... O que fez com que eu recebesse o título de “tainha” (tainha – um pei-

xinho – não confundir com rainha) do saudoso tio Zé...

A saída das águas só se dava após insistentes acenos e gritos dos mais velhos ou quando eles entravam no mar e exigiam nossa retirada.

Em tempos atuais tenho pelo mar (principalmente, o da praia campista e lugar escolhido de férias das netas) admiração e respeito. Gosto de postar-me à sua frente e meditar. É como estivesse em um santuário a ouvir cantos gregorianos que são substituídos pela melodia do bater de suas ondas.

Perante gigantesca beleza, extraio lições de sabedoria para um viver harmonioso: ora mergulho fundo em busca de soluções para os desafios; ora mergulho raso quando assumo minhas limitações.

Embarco, para melhor definição, nos versos da canção: “A vida vem em ondas, como o mar / num indo e vindo infinitos”. ■

Escritora

wcarvalho@mcampista.com.br

Fonte: *Monitor Campista*, 18-19 de outubro de 2009.

Aqui, o cenário é a única praia de Campos dos Goytacazes, situada na localidade do Farol de São Thomé. Essa crônica é, genuinamente, um relato memorialístico. Nela, a cronista evoca acontecimentos de sua infância: “A cena aparece límpida perante meus olhos”; “Éramos, tão somente, crianças felizes e despreocupadas curtindo férias”. Aliás, a alternância entre verbos no presente e no passado do indicativo assinalam esse exercício de memória feito pela cronista.

A ligação com a cidade, nessa crônica, não se estabelece em seu aspecto urbano, mas por meio do seu território litorâneo. Para a cronista quando criança, a praia do Farol de São Thomé era um de seus lugares de morada, uma vez que era nesse espaço que passava suas férias, e o ponto central desse texto encontra-se nas experiências pessoais que viveu ali. Sobre isso, Halbwachs (2006) coloca: “Sensações, reflexões e quaisquer fatos, devem ser postos num local onde já residi ou pelo qual passei nesse momento e continua existindo”.

Essa citação também se correlaciona com os parágrafos finais dessa crônica em que Walnize afirma: “Em tempos atuais tenho pelo mar (principalmente o da praia campista e lugar escolhido de férias das netas) admiração e respeito”. Há, então, uma atualização da memória: a praia em que a cronista viveu parte da infância é, hoje, cenário em que se passa a infância de suas netas. Também Halbwachs (2006, p. 189) disserta a respeito disso quando pontua que a imagem do espaço, “em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente”. Conforme enuncia na crônica, ao retornar à praia do Farol de São Thomé, agora com suas netas, a escritora conjura memórias construídas quando tinha a idade delas, o que, mais uma vez, denota o elo entre a memória e o lugar.

No que se refere à crônica, em síntese, os textos acima expressam as características enumeradas acima por Arrigucci Jr. (1992), Candido (1992), Sá (1997) e Moisés (1978). Tratam-se de narrativas pessoais, relatos memorialísticos que manifestam uma íntima relação com esse espaço em que os seus autores estão ou estiveram situados.

Considerações finais

O que se propôs evidenciar, neste artigo, foi a relação entre a memória, a cidade e a crônica, de modo a demonstrar que a representação que é feita de determinado lugar em um

V. 13 – 2022.1 –MARQUES, Wiliane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

texto cronístico vale-se das recordações de seu autor e do grupo do qual ele faz parte. Conclui-se que tal finalidade foi alcançada: os três textos selecionados e interpretados por meio das contribuições de teóricos como Nora (1993), Halbwachs (2006), Tuan (1989), Arrigucci Jr. (1992) e outros demarcam memórias coletivas construídas sobre a cidade de Campos dos Goytacazes.

Tem-se, então, nessas crônicas, uma “cidade da memória”: os textos aqui expostos tratam de Campos, mas não da Campos território, da Campos urbe, da Campos centro de determinações político-econômicas-culturais. A Campos desses três cronistas que publicaram no último ano de circulação *Monitor Campista* é a Campos intimamente experienciada.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BUENO, Patrícia. Visitei o passado. *Monitor Campista*. Campos dos Goytacazes, 01 jul. 2009. p. B-02.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.13-22.

CARVALHO, Walnize. Mergulhando nas lembranças. *Monitor Campista*. Campos dos Goytacazes, 18-19 out. 2009, p. B-03.

CORDEIRO FILHO, Celso. Visita predileta. *Monitor Campista*. Campos dos Goytacazes, 07 maio 2009. p. B-02.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1978.

V. 13 – 2022.1 –MARQUES, Wiliane; LIMA, Jacqueline Cassia P. Lima; ARRUDA, Sergio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros.

MONITOR CAMPISTA (Org.). Evolução com todas as letras. *Monitor Campista*. Campos dos Goytacazes, 04 jan. 2009. Edição Especial – 174 Anos Transformando Horizontes, p. D5.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara AunKhoury. *Projeto História*, PUC-SP, São Paulo, dez. 1993. p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 3 abr. 2020.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 3 abr. 2020.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1997.

TUAN, Yu-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido em: 02 jul. 2021.

Aceito em: 17 nov. 2021.